

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ALEXANDRE NAVES ZANATTA

NEOLIBERALISMO E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO: UMA CRÍTICA À
RACIONALIDADE CONTEMPORÂNEA

Uberlândia-MG

2026

ALEXANDRE NAVES ZANATTA

**NEOLIBERALISMO E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO: UMA CRÍTICA À
RACIONALIDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel/licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Georgia Amitrano.

Uberlândia-MG

2026

Ficha catalográfica

ALEXANDRE NAVES ZANATTA

**NEOLIBERALISMO E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO: UMA CRÍTICA À
RACIONALIDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia do
Instituto de Filosofia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de
bacharel/licenciado em Filosofia.

Uberlândia, 18 de fevereiro de 2026.

Comissão Avaliadora

Profa. Dra. Georgia Amitrano (UFU) – Presidente

Profa. Dra. Filipa Carneiro Silveira (UFU) – Arguidora

Profa. Dra. Ana Paula de Ávila Gomide (UFU) – Arguidora

RESUMO

Este trabalho explora a estrutura neoliberal com o objetivo de identificar suas repercussões no processo de subjetivação individual, analisando como essa racionalidade condiciona e homogeneiza a tessitura psíquica do sujeito contemporâneo. Evidencia-se que sua atuação não se limita a uma proposta de intervenção político-econômica, mas constitui um articulado e influente mecanismo de subjetivação. O estudo demonstra como as premissas ideológicas neoliberais se inserem na composição social contemporânea, promovendo uma estrutura denominada “sociedade do desempenho”, na qual métricas e avaliações de produtividade funcionam como instrumentos de subjetivação profunda, condicionando o indivíduo a pensar e agir segundo os parâmetros neoliberais. Esse modelo de organização social produz formas específicas de sofrimento psíquico e, diante dessa demanda, o neoliberalismo apropria-se da narrativa terapêutica e das instituições voltadas ao cuidado da saúde mental, atuando não apenas na produção do sofrimento, mas também em sua gestão, ampliando significativamente seu espectro de influência social e subjetiva, **caracterizando-se, assim, como uma profunda e sofisticada estrutura de subjetivação e controle.**

Palavras-chave: neoliberalismo; subjetivação; autoexploração; sofrimento psíquico; psiquiatria.

ABSTRACT

This paper explores the neoliberal structure with the aim of identifying its repercussions on the process of individual subjectivation, analyzing how this rationality conditions and homogenizes the psychic fabric of the contemporary subject. It is evidenced that its action is not limited to a political-economic intervention but constitutes a complex and influential mechanism of subjectivation. The study demonstrates how neoliberal ideological premises permeate contemporary social composition, promoting a structure referred to as the “performance society,” in which metrics and productivity evaluations function as instruments of deep subjectivation, conditioning individuals to think and act according to neoliberal parameters. This model of social organization generates specific forms of psychic suffering, and in response to this demand, neoliberalism appropriates the therapeutic narrative and institutions dedicated to mental health care, acting not only in the production of suffering but also in its management, significantly expanding its social and subjective influence, thereby characterizing itself as a profound and sophisticated structure of subjectivation and control.

Keywords: neoliberalism; subjectivation; self-exploitation; psychic suffering; psychiatry.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
2 O NEOLIBERALISMO: FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS.....	10
2.1 A emergência do neoliberalismo.....	10
2.2 Neoliberalismo: ideologia ou racionalidade.....	11
2.3 A racionalidade neoliberal e a produção da subjetividade contemporânea...	13
3 DA SOCIEDADE DISCIPLINAR À SOCIEDADE DO DESEMPENHO: TRANSFORMAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE..	13
3.1 A Sociedade Disciplinar: fundamentos e lógica da negatividade	14
3.2 Impactos psíquicos da sociedade disciplinar: superego, repressão e patologias da negatividade.....	15
3.3 Transição histórica e conceitual: decadência da disciplina e emergência do desempenho	16
3.4 A Sociedade do Desempenho: lógica da positividade, excesso e autoexploração	18
3.5 Adoecimentos neurais da sociedade do Desempenho: Burnout, Depressão e Ansiedade.....	21
4 PSIQUIATRIA, SUBJETIVIDADE E RACIONALIDADE NEOLIBERAL	22
4.1 Do sujeito de desempenho à medicalização da experiência psíquica	22
4.2 Apropriação estrutural da racionalidade neoliberal e a narrativa do sofrimento psíquico	24
4.3 Psiquiatria e racionalidade neoliberal	25
4.4 <i>Enhancement</i> e a reconfiguração da psiquiatria sob a racionalidade neoliberal	26
4.5 Síntese crítica da gestão neoliberal do sofrimento psíquico	27
5 CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por uma alternativa de viabilidade econômica que visa, em seus contornos mais objetivos, à redução da ingerência estatal sobre o comércio, com o intuito de permitir que as práticas mercantis se autorregulem. Trata-se de uma expectativa habilmente semeada: a de que o mercado, dotado de um suposto processo intrínseco de regulação própria, seria capaz de solucionar, por si só, as problemáticas oriundas de sua atuação, promovendo, dessa maneira, um estado de prosperidade, equilíbrio e bem-estar social não alcançado pelos modelos tradicionais de gestão pública.

O neoliberalismo, entretanto, ultrapassa as fronteiras de uma simples proposta de organização econômica. Ele se configura como um intrincado mecanismo de subjetivação, no qual perspectivas e premissas ideológicas são desenvolvidas, incutidas e propagadas na tessitura psíquica dos sujeitos. Concepções como o empreendedorismo de si, a cobrança íntima por resultados e a culpabilização individual pelo fracasso deslocam o eixo da autoridade externa para um regime de autoexploração subjetiva, afetando de maneira intensa a saúde mental e emocional do indivíduo contemporâneo.

Diante disso, impõe-se a necessidade de problematizar as repercussões do neoliberalismo não apenas em sua dimensão política e econômica, mas também em seus efeitos sobre a constituição psíquica e a padronização do pensamento. A presente reflexão busca demonstrar, de modo teoricamente fundamentado, como os mecanismos de controle neoliberal moldam a subjetividade, determinando padrões de comportamento, experiências de si e formas de sofrimento psíquico, em diálogo com a análise de “*Sociedade do Cansaço*” (Han, 2017), que mostra como a lógica de desempenho e produtividade extrema intensifica o desgaste mental e emocional.

A relevância desta investigação reside na constatação de que, apesar de sua onipresença nos discursos e práticas institucionais, o neoliberalismo ainda é pouco compreendido em seus efeitos sobre a interioridade humana. Ao consolidar-se como racionalidade hegemônica nas sociedades ocidentais, impõe dinâmicas de existência que esvaziam a autonomia crítica, dissolvem os vínculos coletivos e aprofundam os processos de desgaste subjetivo. Este trabalho, portanto, pretende contribuir para o debate acadêmico e social acerca das formas sutis, porém eficazes, de dominação contemporânea, que se operam menos pela coerção direta e mais pela adesão psíquica às normas do mercado.

Para construir a análise, serão tomadas como referências centrais as obras “*Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico*”, de Safatle, Silva Júnior e Dunker (2023) e “*Sociedade do Cansaço*”, de Byung-Chul Han (2017). A escolha dessas obras decorre do interesse em concentrar a investigação em um núcleo teórico coeso, que permita abordar de maneira direta e aprofundada os efeitos subjetivos do neoliberalismo, desde a interiorização de normas de produtividade até os impactos sobre a saúde mental e emocional.

A hipótese norteadora desta reflexão parte do entendimento de que o neoliberalismo atua como uma racionalidade que condiciona os indivíduos a reproduzirem padrões de autoexploração e autovigilância, promovendo simultaneamente a internalização de normas de sucesso, produtividade e responsabilidade pessoal. Desse modo, assume-se como premissa investigativa que a lógica neoliberal não apenas organiza a vida social, mas também configura modos específicos de sofrimento psíquico e de esgotamento, normalizando práticas e expectativas que moldam o sujeito contemporâneo.

Mais especificamente, este trabalho pretende: (i) analisar as formas de interiorização das normas e valores neoliberais na subjetividade; (ii) discutir os impactos dessa interiorização sobre a experiência de si, a saúde mental e o cansaço existencial; e (iii) refletir sobre as possibilidades de resistência ética, intelectual e prática diante desse modelo de racionalidade.

A metodologia adotada é de caráter teórico-analítico, baseada em pesquisa bibliográfica e leitura crítica das obras selecionadas. O presente trabalho contou com a utilização de Inteligência Artificial (IA), em específico o ChatGPT, desenvolvido pela empresa OpenAI, como recurso auxiliar na revisão textual, correção gramatical e aprimoramento sintático. Ressalta-se que a IA não substituiu a análise crítica, a fundamentação teórica ou a construção argumentativa do estudo, atuando exclusivamente como ferramenta de apoio para o refinamento da clareza e da qualidade do texto. O percurso investigativo buscará articular os conceitos centrais das obras escolhidas para identificar como o neoliberalismo se manifesta na constituição da subjetividade, na padronização do pensamento e nos processos de esgotamento psíquico, bem como a aplicabilidade dessas ideias à compreensão da contemporaneidade.

O trabalho está organizado em seções que desenvolvem a análise dos efeitos subjetivos da racionalidade neoliberal, contemplando a interiorização das normas de desempenho, as consequências sobre a saúde mental e emocional, e as possibilidades de

resistência. Ao final deste percurso, almeja-se evidenciar de maneira clara e concisa os mecanismos de atuação do neoliberalismo sobre a vida psíquica e social, além de fornecer elementos para a reflexão crítica e proposição de alternativas à lógica de autoexploração.

Dessa forma, busca-se contribuir para a formação de uma sociedade mais crítica e atuante, capaz de compreender e contestar os processos de padronização do pensamento, sofrimento psíquico e cansaço induzidos pelo neoliberalismo, elementos indispensáveis à fruição de uma vida consciente.

2 O NEOLIBERALISMO: FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS

2.1 A emergência do neoliberalismo

O século XX é marcado pela emergência de uma proposta de reformulação econômica e governamental voltada à reconfiguração do papel do Estado nas dinâmicas de mercado, sob a suposição de que, dessa forma, o próprio mercado seria capaz de se regular, promovendo eficiência econômica e crescimento. Tal demanda decorre das crises que evidenciaram a incapacidade do modelo liberal clássico de oferecer sustentação às profundas transformações ocorridas no período, sobretudo aquelas associadas à Grande Depressão e ao contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse cenário de crises econômicas e políticas, que expuseram os limites das democracias liberais e dos modelos de regulação então vigentes, Dardot e Laval observam que: “As repetidas crises econômicas, os fenômenos especulativos e as desordens sociais e políticas revelavam a fragilidade das democracias liberais” (Dardot; Laval, 2016, p. 57).

Diante desse contexto, o modelo do *laissez-faire* torna-se progressivamente insustentável, pois as problemáticas socioeconômicas do período evidenciavam a insustentabilidade da manutenção da autonomia irrestrita do mercado, o qual passou a apresentar relevante instabilidade, abrindo espaço assim, para formas específicas de intervenção estatal. Contudo, essa intervenção não representa o abandono do liberalismo, mas a evidência de uma crise interna que exige a reformulação de seus próprios fundamentos. Nesse sentido, o neoliberalismo apresenta-se como uma nova racionalidade, promovendo uma reconfiguração qualitativa orientada à organização e à promoção das dinâmicas de mercado.

A lógica de mercado deixa, então, de ser concebida como um mecanismo espontâneo e passa a ser ativamente promovida pelo Estado, que assume papel central em sua implementação. Entretanto, longe de constituir apenas uma reformulação linear ou inerente ao liberalismo clássico, o neoliberalismo promove uma transformação profunda nos princípios sociais, políticos e econômicos. Ancorado particularmente em autores como Friedrich Hayek e Milton Friedman, e institucionalizado por organizações como a Mont Pèlerin Society, o neoliberalismo desdobra-se como um mecanismo articulado de reorganização social, promovendo uma modificação estrutural nas diretrizes governamentais e instituindo novas formas de gestão e organização.

Conforme analisa Michel Foucault, em *O Nascimento da Biopolítica*, a economia política passa a operar como princípio de autolimitação da razão governamental, de modo a garantir sua legitimidade e coesão (Foucault, 2022, p. 19). O mercado, por sua vez, além de funcionar como ponto de ancoragem da razão governamental, passa também a atuar como instância de veridicção (Foucault, 2022, p. 58). O neoliberalismo configura-se, assim, como uma racionalidade governamental elaborada deliberadamente e instituída para imprimir uma lógica específica à organização social, no sentido de realocar de modo decisivo as práticas comerciais como cerne da sustentabilidade Estatal. Tal transição reconfigura a lógica da governabilidade, ao submetê-la aos processos de validação econômica, o que constata uma envergadura diretiva substancial dos modelos de organização comercial na arquitetura central dos governos, de modo a convalidar a hipótese de que o neoliberalismo, por representar o modelo econômico contemporâneo hegemônico, atua como um relevante eixo organizador do Estado. Não se trata de um desdobramento naturalizado dos ideais liberais clássicos, mas de um projeto historicamente situado e institucionalizado, inclusive pelos autores e instituições anteriormente mencionados, que instaura uma lógica própria de funcionamento da dinâmica social.

Dessa forma, o neoliberalismo não pode ser compreendido exclusivamente como uma proposta econômica ou como mero desdobramento do liberalismo clássico, mas como uma reformulação que redefine o papel do Estado, das instituições e do mercado. Trata-se de uma racionalidade específica de governo cuja incidência ultrapassa o campo econômico e se estende à organização da vida social, questão que será desenvolvida a seguir.

2.2 Neoliberalismo: ideologia ou racionalidade

Definir o fenômeno neoliberal à luz das categorias de ideologia ou racionalidade não se reduz à atribuição de um significado meramente terminológico. Trata-se, antes, de estabelecer um arcabouço conceitual capaz de delimitar sua dinâmica e seus desdobramentos nos âmbitos político, econômico e social. Nesse sentido, caracterizar o neoliberalismo como ideologia ou racionalidade implica compreender o modo como esse fenômeno se manifesta concretamente na sociedade, bem como o alcance e a natureza de sua atuação.

O conceito de ideologia pode ser compreendido como um conjunto de crenças, valores e normas que orientam a percepção coletiva acerca da realidade, funcionando também como fundamento para práticas e posicionamentos sociais específicos. Sob essa perspectiva, o neoliberalismo pode ser interpretado como uma ideologia, na medida em que mobiliza elementos como o empreendedorismo de si, a responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso, a defesa da não intervenção estatal nas dinâmicas de mercado e a suposição de que o mercado seria capaz de se autorregular em direção ao equilíbrio social. Esses elementos constituem um conjunto coerente de pressupostos que não apenas moldam a percepção dos indivíduos, mas também orientam e naturalizam formas específicas de conduta no interior da vida social.

No entanto sua composição ideológica não se limita a um enfoque exclusivamente de configuração da opinião pública acerca de seus fenômenos, o arcabouço ideológico neoliberal compreende também o substrato de sua sustentação enquanto proposta de governo, é nesse sentido que o neoliberalismo consolida e propaga a concepção ideológica que o legitima, como aponta Pierre Dardot e Christian Laval:

O fato de essa ilusão ser tão corriqueira deve-se em grande parte a uma estratégia eficaz de conversão de mentalidades que, a partir dos anos 1960 e 1970, tomou a dupla forma de uma luta ideológica contra o Estado e as políticas públicas, de um lado, e de uma apologia despudorada do capitalismo mais desbridado, de outro. Criou-se toda uma vulgata sobre o tema da necessária “desobrigação do Estado” e a incomparável “eficiência dos mercados”. (Dardot; Laval, 2016, p. 205)

Entretanto, restringir a definição do neoliberalismo aos limites do conceito de ideologia implica reduzir sua abrangência aos aspectos de conformação simbólica da vida social, deixando em segundo plano seus desdobramentos mais amplos e sua incidência sobre as práticas e diretrizes governamentais. Tal redução dificulta a compreensão de seu papel na configuração estrutural da sociedade. Nesse sentido, torna-se necessário compreender o neoliberalismo também como uma racionalidade, isto é, como uma forma específica de organização das práticas de governo e de condução das condutas.

Conforme apontam Pierre Dardot e Christian Laval, o neoliberalismo não se limita a uma doutrina ou ideologia, mas constitui uma racionalidade que orienta condutas e organiza práticas e instituições sociais (Dardot; Laval, 2016). Seus reflexos nas diretrizes governamentais estruturam a adoção de práticas econômicas e formas de gestão pública

que configuram modos específicos de administração e organização social, evidenciando a ampla abrangência da racionalidade neoliberal no modo de vida contemporâneo.

Assim, para os fins deste trabalho, o neoliberalismo será compreendido não apenas como um conjunto de políticas econômicas ou uma doutrina ideológica, mas como uma racionalidade de governo historicamente situada, que orienta práticas institucionais, organiza a dinâmica social e incide diretamente sobre os processos de subjetivação. Nos capítulos seguintes, serão analisados os mecanismos específicos por meio dos quais essa racionalidade atua sobre os processos de subjetivação do sujeito contemporâneo.

2.3 A racionalidade neoliberal e a produção da subjetividade contemporânea

A partir de sua dimensão ideológica e, sobretudo, enquanto racionalidade, o neoliberalismo ultrapassa a condição de mero modelo econômico, configurando-se como um mecanismo de produção de subjetividades que incide diretamente sobre as formas de pensar, sentir e agir dos indivíduos.

Nesse sentido Pierre Dardot e Christian Laval, em relação às mudanças psíquicas ocorridas a partir da consolidação neoliberal apontam: “Esses trabalhos preciosos, e muitas vezes convergentes, no cruzamento da psicanálise com a sociologia, revelam uma condição nova do homem, a qual, para alguns, afetaria a própria economia psíquica.” (Dardot; Laval, 2016, p. 321).

O indivíduo contemporâneo encontra-se imerso em um conjunto de práticas e valores que atravessam diferentes esferas da vida social. A racionalidade neoliberal difunde-se de maneira capilar, alcançando o mundo do trabalho, as relações sociais, as instituições educacionais e outros espaços de formação subjetiva. Nessas esferas, consolidam-se premissas centradas no desempenho, na produtividade e na responsabilização individual, contribuindo para a naturalização dessas dinâmicas como parte do funcionamento ordinário da vida social.

No âmbito governamental, práticas de gestão pública, diretrizes organizacionais e orientações políticas passam a operar segundo essa mesma lógica, ampliando sua incidência para além das instituições estatais e produzindo efeitos sobre a organização da vida social. De modo complementar, as mídias e os meios de interação social atuam como

importantes vetores de difusão dessa racionalidade, ao reforçar e ampliar valores associados à competitividade, ao desempenho contínuo e à autoexploração.

O processo de subjetivação decorrente dessa racionalidade implica uma forma de modelagem psíquica compatível com as exigências neoliberais. Como será discutido adiante, essa dinâmica relaciona-se à emergência de formas específicas de sofrimento psíquico que atravessam a experiência subjetiva dos indivíduos. Nesse contexto, observa-se também a articulação entre essa racionalidade e instituições voltadas ao cuidado em saúde mental, as quais, em determinados casos, passam a operar em consonância com tais demandas, evidenciando a amplitude de sua incidência na constituição do sujeito contemporâneo.

3 DA SOCIEDADE DISCIPLINAR À SOCIEDADE DO DESEMPENHO: TRANSFORMAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

3.1 A Sociedade Disciplinar: fundamentos e lógica da negatividade

A sociedade contemporânea é precedida por um modelo social estruturado a partir da lógica da negatividade. Nesse paradigma, a regulação da vida coletiva e a constituição subjetiva dos indivíduos eram orientadas por mecanismos de controle eminentemente repressivos. A organização social articulava-se por meio de proibições, limites e sanções, de modo que o sujeito era conduzido a partir do medo da punição e da coerção externa.

Esse regime de poder podia ser observado em múltiplas esferas da vida social. A figura do patrão exemplificava uma autoridade que requisitava obediência mediante ameaças concretas, a perda do emprego, a desqualificação moral ou a imposição direta de punições. O Estado, por sua vez, operava intensamente sob o mesmo esquema negativo, impondo normas jurídicas rígidas, disciplinando corpos e restringindo a autonomia individual. As instituições religiosas reproduziam essa lógica ao estabelecer códigos de conduta unilaterais e intrusivos, que vinculavam transgressões a penas metafísicas e sociais, reforçando um horizonte de culpa e vigilância. Mesmo a família, em seu espaço íntimo, servia como transmissora desses valores repressivos, reiterando as expectativas de obediência e adequação comportamental.

Um dos indicadores mais evidentes do funcionamento institucional desse regime é o conjunto de espaços de normalização e punição característicos da modernidade

disciplinar. Como observa Byung-Chul Han, ao reinterpretar Foucault: “A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje” (2017, p. 22). Esses ambientes eram projetados para moldar comportamentos, corrigir desvios e vigiar continuamente os indivíduos, revelando o caráter ostensivo da coerção que sustentava a organização social.

Nesse contexto, a subjetividade era inevitavelmente atravessada por mecanismos repressivos. As instâncias de poder externas e visíveis, condicionavam o indivíduo a agir segundo normas previamente definidas, induzindo um processo de interiorização da autoridade. Ainda que essa imposição partisse originalmente de uma fonte externa, seus efeitos repercutiam diretamente na psique, orientando a constituição do sujeito a partir de uma lógica de obediência e contenção.

3.2 Impactos psíquicos da sociedade disciplinar: superego, repressão e patologias da negatividade

A psicanálise freudiana fornece uma chave interpretativa relevante. Sigmund Freud identifica no superego a instância psíquica responsável pela função crítica e normativa, atuando como representante interno das proibições e exigências sociais. O superego opera como voz normativa, que observa, julga e impõe-se ao ego, estando também na origem de sentimentos de culpa e de autoavaliação. Tal como evidencia o psicanalista nessa passagem, ao descrever a origem do superego e seus reflexos sobre o Eu a partir da internalização de normas e valores sociais:

O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo, tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (Freud, 2011, p. 43).

Nesse sentido, embora a repressão seja operada pelo ego, o superego exerce um papel decisivo ao impor exigências morais, contribuindo para conflitos psíquicos intensos. Byung-Chul Han reforça essa leitura ao afirmar:

A histeria é uma doença psíquica típica da sociedade disciplinar, na qual se estabeleceu também a psicanálise. Ela pressupõe a negatividade da repressão, que leva à formação do inconsciente. As representações pulsionais rechaçadas ao inconsciente se manifestam por meio da “conversão” como sintomas somáticos. (Han, 2017, p. 86).

Esse fenômeno evidencia como os dispositivos de poder políticos, culturais e institucionais não apenas organizam a vida social, mas também moldam profundamente a estrutura interna do sujeito, determinando modos específicos de sofrimento psíquico.

Desse modo, compreender a sociedade disciplinar é reconhecer que a subjetividade moderna foi constituída sob o signo da negatividade, da repressão e da obediência. Essa lógica, contudo, sofrerá uma inflexão decisiva no advento da sociedade contemporânea, marcada não pela proibição externa, mas pela autoexploração voluntária, uma transição que será examinada nos blocos seguintes.

No entanto, como observação complementar acerca das funções do superego faz-se necessário pontuar que para além de sua função eminentemente normativa, seu caráter constitutivo na psique humana compreende também a fonte dos mais nobres ideais, e das instituições humanas elementares, tais como as religiões, a moral e os sentimentos sociais elevados, nesse sentido Freud afirma: “Não é difícil mostrar que o ideal do Eu satisfaz tudo o que se espera do algo elevado no ser humano” (Freud, 2011, p. 46).

3.3 Transição histórica e conceitual: decadência da disciplina e emergência do desempenho

Ocorreram mudanças socioeconômicas estruturais no século XXI que enfraqueceram e, em grande medida, mitigaram as bases conceituais que sustentavam a lógica disciplinar da sociedade precedente. A transição do modelo de produção capitalista, anteriormente caracterizado pela centralidade da atividade industrial, abriu espaço para um regime de produtividade fundado também em áreas do campo intelectual e imaterial.

Observa-se o surgimento de uma malha crescente de produtos virtuais e altamente tecnológicos, tais como aplicativos, sistemas informatizados e IAs, desenvolvidos por modelos corporativos contemporâneos cujo processo produtivo diverge diametralmente dos padrões vigentes na sociedade disciplinar. Essa alteração repercute diretamente no comportamento laboral e no perfil subjetivo dos trabalhadores, assim como na identidade produtiva da sociedade. O paradigma de gerenciamento marcado pela opressão explícita e pela intrusão permanente do empregador perde efetividade, sendo gradualmente substituído por formas de trabalho que exigem criatividade, flexibilidade e motivação.

Como observa Han (2017, p. 24): “No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação”.

O surgimento de novos eixos produtivos enfraquece as bases ideológicas e materiais que sustentavam as premissas da sociedade disciplinar. Paralelamente, a expansão da ideologia neoliberal, com sua expressiva influência política e social, intensifica esse processo ao promover desregulamentação estatal, flexibilização das relações de trabalho, privatizações e enfraquecimento das instituições públicas tradicionais.

Entretanto, a atuação neoliberal não se limita ao plano macroeconômico: sua força reside igualmente na modelação da subjetividade. Para consolidar um ambiente social compatível com sua lógica, o neoliberalismo desenvolve estratégias de subjetivação que moldam a estrutura psíquica dos indivíduos. Trata-se de um processo sinérgico: as transformações socioeconômicas em escala global projetam efeitos no plano subjetivo, e este, por sua vez, oferece sustentação às mudanças que reorganizam o cenário histórico contemporâneo. Han (2017, p. 29) sintetiza esse fenômeno de maneira contundente:

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam.

Essa dinâmica evidencia que o trabalhador contemporâneo não é apenas autônomo no sentido formal, mas está submetido a uma autoexploração constante, internalizando o regime de produtividade como um imperativo pessoal, perpetuando a lógica do desempenho e da vigilância interna, enquanto distanciava-se do modelo disciplinar tradicional.

Dessa forma, verifica-se de maneira contundente a transição do imperativo do “dever”, característico da lógica disciplinar, para o impositivo arbitrário do “poder” que estrutura a sociedade do desempenho. Essa passagem representa uma mudança profunda no panorama conceitual que orienta ambos os modelos de sociedade.

A partir da sociedade do desempenho, de orientação neoliberal, a condução social passa a se fundamentar na ideia de que existe uma ampla esfera de possibilidades e liberdade individual, uma liberdade inexistente ou profundamente limitada na sociedade disciplinar. O sujeito é lançado em um ambiente que se apresenta como permissivo, aberto

e desobstruído, onde as antigas coerções explícitas cedem lugar a um discurso de autonomia, iniciativa e autossuperação.

Entretanto, essa ambientação permissiva não resulta, necessariamente, em uma fruição real da liberdade. Ao contrário, o excesso de liberdade torna-se um novo mecanismo de exploração incessante, no qual o indivíduo interioriza os processos de coerção antes exercidos externamente. O sujeito passa a se autorregular, se autovigiar e se autopunir, deslocando o papel do disciplinador para o interior de sua própria estrutura subjetiva. É por isso que Han observa que, na sociedade de desempenho, o indivíduo “explorador é ao mesmo tempo o explorado”.

Surpreendentemente, ou talvez sintomaticamente, o modelo de exploração pela liberdade revela-se mais eficaz, produtivo e impositivo do que aquele que predominava na sociedade disciplinar. As instituições repressivas típicas da sociedade da negatividade cedem espaço a shopping centers, academias fitness, espaços de coworking e edifícios corporativos envidraçados: ambientes de aparente liberdade que funcionam, paradoxalmente, como dispositivos geradores de produtividade, motivação e autorresponsabilização. O neoliberalismo identificou que é mais vantajoso condicionar o indivíduo à gestão de si mesmo, estimulando-o a ser empreendedor de sua própria vida, do que submetê-lo a formas de coerção externas e ostensivas. Acerca desse fenômeno, Byung-Chul Han (2017, p. 25) afirma:

A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever.

Com isso, torna-se possível compreender a profundidade e a intensidade dos processos de subjetivação produzidos pela racionalidade neoliberal. Ao promover a internalização dos mecanismos de controle, a ideologia neoliberal incide diretamente sobre a tessitura psíquica dos indivíduos, fazendo com que estes passem a reproduzir, voluntariamente, a lógica de dominação. Trata-se de uma dinâmica de condicionamento social altamente sofisticada, que opera não mais pela repressão, mas pela liberdade como forma de dominação.

3.4 A Sociedade do Desempenho: lógica da positividade, excesso e autoexploração

A sociedade do desempenho é estruturada pelos imperativos da positividade. Sua composição social é arquitetada de forma a produzir um excesso vertiginoso de possibilidades pessoais, profissionais e relacionais, levando o indivíduo a conceber a ideia de que seu campo de escolhas e realizações é potencialmente ilimitado. Nesse modelo, a capacidade de execução é artificialmente ampliada, transmitindo a percepção de que tudo é possível e de que a concretização dos anseios individuais, eles próprios moldados pela racionalidade neoliberal, depende exclusivamente do esforço e da dedicação pessoal.

Dessa maneira, o indivíduo passa a adotar voluntariamente, e motivado por promessas de ganhos e benefícios pessoais, um comportamento de autoexploração, autogestão e automotivação. Diferentemente da sociedade disciplinar, que operava pela coerção externa, a sociedade do desempenho internaliza a lógica produtiva e a converte em um ideal subjetivo. Como observa Han (2017, p. 83):

O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Deve ser empreendedor de si mesmo. Assim, ele se desarticula da negatividade das ordens do outro. Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e libertação. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade e novas coações.

Essa dinâmica desloca a figura do explorador externo para o próprio sujeito, o que se mostra mais rentável, eficaz e produtivo do que o modelo disciplinar precedente. A intensidade do processo de subjetivação torna-se evidente quando se observa a profundidade com que o paradigma do desempenho penetra na estrutura interna do indivíduo. Nesse contexto, ocorre uma fusão entre os elementos constitutivos da subjetividade e o imperativo da produtividade, ao ponto de se estabelecer uma continuidade quase imperceptível entre o “eu” e a exigência de desempenho.

Esse movimento implica que o sujeito passa a se perceber não apenas como agente, mas também como projeto, tarefa e empreendimento. A produtividade deixa de ser um objetivo externo para converter-se em atributo identitário. Nessa medida, o indivíduo não apenas executa o comando, mas se identifica com ele, o que faz com que a exploração se realize de forma silenciosa, integrada e contínua.

O arcabouço ideológico que sustenta o neoliberalismo, especialmente no que tange à construção de uma estrutura social favorável à autoexploração, apresenta-se como

um modelo profundamente sedutor. A adesão do indivíduo ao processo de exploração de si não ocorre pela imposição de um agente externo, mas precisamente porque esse modelo se articula à noção de liberdade. Nesse contexto, Han observa: “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (2017, p. 30). A ampliação das possibilidades de realização pessoal, cuidadosamente apresentada como ilimitada, cria um ambiente no qual o sujeito, movido por expectativas e promessas de autorrealização, internaliza de forma espontânea as premissas fundamentais da racionalidade neoliberal.

Diferentemente da sociedade disciplinar, cujo funcionamento dependia de mecanismos explícitos de coerção e vigilância, a sociedade do desempenho opera pela positividade. Trata-se de um regime que conquista o indivíduo não pela proibição, mas pela sedução. Ideias como autorrealização, prosperidade e liberdade de escolha são amplamente difundidas por mídias hegemônicas, produções cinematográficas, redes sociais e determinados setores religiosos, e, posteriormente, incorporadas ao repertório cultural e familiar. A lógica neoliberal, ao se infiltrar em múltiplos níveis da vida cotidiana, naturaliza-se a ponto de se tornar quase imperceptível.

Esse modelo mostra-se altamente cativante justamente por se apresentar como expressão da livre escolha. É nesse aspecto que reside grande parte de sua força e, simultaneamente, da resistência que oferece às críticas. Ao associar-se à ideia de liberdade, a racionalidade neoliberal opera de maneira mais profunda e penetrante do que os antigos mecanismos disciplinares. Sua capacidade de integração subjetiva não decorre da repressão, mas da identificação: o indivíduo não apenas aceita o modelo, mas passa a se ver através dele.

A adesão voluntária, portanto, não configura submissão no sentido clássico, mas um processo de conformação identitária. O sujeito alinha-se ao ideal neoliberal porque esse ideal parece trazer benefícios imediatos: status, reconhecimento, sensação de pertencimento e promessas de ascensão social. A valorização da autogestão, do sucesso profissional e da performance constante cria um horizonte existencial no qual refletir criticamente sobre o próprio engajamento torna-se difícil e, muitas vezes, indesejável.

Contudo, essa incorporação acrítica do paradigma do desempenho acarreta consequências significativas. Para além dos prejuízos decorrentes da autoexploração, a lógica neoliberal também fragiliza os vínculos sociais e afeta negativamente a saúde mental, temas que serão desenvolvidos na subseção seguinte.

3.5 Adoecimentos neurais da sociedade do Desempenho: Burnout, Depressão e Ansiedade

A sociedade do desempenho, estruturada pela racionalidade neoliberal, está associada a padrões específicos de adoecimento psíquico, frequentemente denominados doenças neurais. Esses fenômenos não se manifestam de forma aleatória: eles emergem em estreita correlação com as normas de comportamento e de subjetivação internalizadas pelos indivíduos, produzindo repercussões diretas sobre a experiência de si. A lógica neoliberal, ao promover a autoexploração, a vigilância interna e a maximização do desempenho, cria um ambiente social e psíquico propício ao surgimento de patologias como burnout, depressão e ansiedade.

O burnout apresenta-se como consequência do esgotamento das reservas psíquicas diante da pressão incessante por produtividade e autogestão. Diferentemente das formas de coerção externas típicas da sociedade disciplinar, o sujeito contemporâneo é incentivado a se tornar “empreendedor de si mesmo”, sendo simultaneamente explorador e explorado. Nesse contexto, a exaustão emocional e cognitiva surge como efeito direto da internalização da lógica de desempenho e do excesso de positividade do poder, conforme observa Byung-Chul Han: “É bem verdade que os adoecimentos neurais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade” (2017, p. 14).

A depressão, por sua vez, relaciona-se à inadequação percebida aos padrões de sucesso e autorrealização impostos pelo neoliberalismo. A ideologia da liberdade como autoexploração gera expectativas de realização ilimitada, cujas frustrações afetam profundamente a autoestima e a percepção de valor pessoal. O individualismo acentuado e a ausência de vínculos de apoio coletivo intensificam esse sofrimento, tornando a depressão uma manifestação psíquica que reflete tanto o contexto social quanto a subjetividade internalizada.

A ansiedade surge do caráter competitivo e vigilante do modelo neoliberal. A constante comparação com padrões de desempenho e a busca incessante pela produtividade transformam a vida cotidiana em um campo de tensão permanente, em que o sujeito se sente responsável por sua própria coerção. Como aponta Han (2017, p. 20): “A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva”.

Embora seja possível estabelecer correlações entre determinados aspectos da subjetivação neoliberal e essas patologias, não se trata de uma relação determinista. Os adoecimentos psíquicos manifestam-se de forma sintética e flexível, resultado da interação entre múltiplos fatores sociais, institucionais e subjetivos. Cada elemento do paradigma neoliberal, desde a competição intensa até a internalização da responsabilidade pelo sucesso, atua de maneira codependente na configuração do sofrimento psíquico.

Além disso, o neoliberalismo exerce influência indireta sobre a organização psiquiátrica, ao definir critérios diagnósticos e protocolos terapêuticos que refletem padrões sociais e econômicos predominantes. Dessa forma, a racionalidade neoliberal não apenas molda a subjetividade, mas também contribui para a homogeneização da experiência de adoecimento, consolidando uma lógica de normalização que reforça a manutenção do status quo social.

Em síntese, os adoecimentos neurais da sociedade do desempenho evidenciam a profundidade da influência neoliberal sobre a vida psíquica dos indivíduos. Eles revelam como a internalização de normas de produtividade, autorresponsabilidade e sucesso pode se transformar em mecanismos de exploração subjetiva, tornando urgente a problematização crítica desse modelo e a busca por estratégias de resistência e cuidado que preservem a autonomia e a saúde mental do sujeito contemporâneo.

4 PSQUIATRIA, SUBJETIVIDADE E RACIONALIDADE NEOLIBERAL

4.1 Do sujeito de desempenho à medicalização da experiência psíquica

As diretivas comportamentais, assim como as concepções ideológicas que lhes conferem sustentação, constituem o núcleo estruturante da lógica do desempenho e da produtividade erigida pelo neoliberalismo. Todavia, o alcance dessa racionalidade não se restringe à formulação de modelos normativos de conduta ou à organização da vida social sob parâmetros de eficiência. Seu papel subjetivador estende-se a esferas mais profundas, incidindo diretamente sobre os mecanismos constitutivos da tessitura psíquica do indivíduo.

Por meio de um processo intrincado de controle e apropriação, o neoliberalismo elabora uma forma de intervenção social que ultrapassa a mera orientação de comportamentos e mentalidades. Essa racionalidade passa a se apropriar de instituições historicamente destinadas ao cuidado da saúde mental, valendo-se de sua função

intrínseca de regulação e subjetivação social, tal como analisado por Foucault no contexto da sociedade disciplinar, para incutir demandas de homogeneização e ampliação do escopo produtivo dos sujeitos.

A autoexploração, amplamente interiorizada pelo sujeito de desempenho a partir do aporte conceitual e estrutural das instituições que compõem a organização social neoliberal, engendra uma ambiência psíquica específica, na qual emergem modelos igualmente específicos de adoecimento. A produção sistemática dessa ambiência cria, simultaneamente, a necessidade de mecanismos capazes de gerir o sofrimento que dela decorre. Nesse sentido, a apropriação de ramos do conhecimento voltados à compreensão e ao manejo da experiência psíquica não se apresenta como contingente, mas como parte constitutiva da racionalidade neoliberal.

É nesse contexto que a psiquiatria e determinados campos do saber psicológico passam a ser coabitados de modo indissociável pela lógica neoliberal, operando como dispositivos de intervenção social pontual e precisa, cuja finalidade última encontra-se subordinada aos objetivos do modelo econômico hegemônico. A gestão do sofrimento psíquico passa, assim, a integrar o próprio funcionamento estrutural da racionalidade neoliberal.

Modelos teóricos, protocolos terapêuticos e premissas clínicas são constituídos sob um paradigma profundamente vinculado ao entorno econômico vigente. As categorizações clínicas, longe de se apresentarem como descrições neutras da experiência psíquica, configuram-se como convenções atravessadas por variáveis valorativas, revelando um evidente enviesamento social, aspecto que se expressa de forma exemplar na elaboração e reformulação do “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (DSM), conforme será analisado adiante.

A biologização dos transtornos mentais, ao privilegiar explicações centradas em marcadores orgânicos, restringe a possibilidade de uma avaliação contextual do sofrimento psíquico. Esse recorte exclui a consideração dos fatores socioeconômicos que subjazem à origem de grande parte das manifestações de sofrimento, inviabilizando uma problematização crítica e política das relações entre as políticas neoliberais e o adoecimento psíquico.

Na seção anterior, analisou-se o processo de subjetivação neoliberal em seus contornos estruturais. Nesta seção, a investigação desloca-se para a análise do papel desempenhado pela psiquiatria no interior dessa racionalidade, examinando como sua

atuação se desdobra tanto no âmbito social quanto individual, além de sua utilização enquanto instrumento de gestão do sofrimento psíquico.

A partir dessa perspectiva, será realizada uma análise crítica do modo como a psiquiatria é apropriada pela racionalidade neoliberal e dos efeitos dessa apropriação, contribuindo para a construção de uma compreensão analítica mais ampla acerca do fenômeno e de seus desdobramentos sobre a experiência psíquica contemporânea.

4.2 Apropriação estrutural da racionalidade neoliberal e a narrativa do sofrimento psíquico

O neoliberalismo, ao se consolidar como racionalidade estrutural, promove um processo profundo de subjetivação, no qual o sujeito passa a conduzir sua vida como se fosse um empreendimento a ser gerido e otimizado. Entretanto, sua influência não se restringe à internalização de imperativos de produtividade ou performance. Ela penetra de maneira mais intrincada em esferas de manejo do sofrimento psíquico, especialmente nos campos da psiquiatria e de determinados ramos da psicologia, transformando a forma como a dor mental é compreendida, categorizada e tratada.

Essa dinâmica revela-se particularmente eficaz, permitindo a expansão e a solidificação do pensamento neoliberal ao se confrontar com a complexidade do sofrimento humano. Ao observar detidamente os processos de constituição de perfis de adoecimento e de narrativas terapêuticas, percebe-se que o sofrimento psíquico é maleável, sensível à arquitetura social em que se insere e, portanto, diretamente impactado por políticas, estruturas econômicas e conjunturas sociopolíticas. Assim, o neoliberalismo não apenas molda o ambiente produtivo, mas também influencia os modos de adoecer e de experienciar sofrimento. Como enfatiza o autor:

Poderíamos assim pensar como o recrudescimento de políticas neoliberais e o fim da era Welfare State e suas políticas públicas, que garantiam ao cidadão meios mínimos de existência, contribuem para o adoecimento psíquico. A ausência do Estado na promoção desse tipo de política teria um papel fundamental no aumento dos transtornos mentais nas últimas décadas e mesmo no sofrimento que não cumpre os critérios para receber um diagnóstico. (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2023, p. 129).

No âmbito simbólico e técnico da saúde mental, a influência neoliberal sobre o DSM é evidente. A intensificação de premissas neoliberais exerce impacto decisivo sobre os protocolos de categorização, determinando quais sofrimentos são considerados

patológicos. As modificações profundas sofridas pelo DSM na década de 1970, período coincidente com a ascensão da racionalidade neoliberal, evidenciam a articulação entre forças econômicas e estruturas de definição clínica.

Diferentemente da constatação objetiva de um adoecimento físico específico, a classificação de sofrimentos psíquicos depende de convenções de ordem social e valorativa. Nesse sentido, torna-se claro que as categorias clínicas são moldadas pelas estruturas socioeconômicas neoliberais, adquirindo um caráter de intervenção na subjetividade e de controle social. Como ressaltam os autores: “Isso traria como consequência, entre outras, a compreensão de que categorias clínicas não são ‘tipos naturais’ (natural kinds), mas tecnologias de intervenção na estrutura psíquica a partir de valores” (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2023, p. 35).

Essa lógica evidencia que o neoliberalismo não se limita a criar condições sociais propícias ao adoecimento, mas também direciona as práticas técnicas destinadas ao tratamento do sofrimento, promovendo simultaneamente subjetivação, padronização e controle.

4.3 Psiquiatria e racionalidade neoliberal

Historicamente, a psiquiatria tem sido concebida como instituição disciplinar, conforme os parâmetros teóricos de Foucault. Contudo, no contexto da racionalidade neoliberal, ela passa a assumir funções de categorização e gestão do sofrimento psíquico pautadas por métricas, parâmetros e diretrizes terapêuticas alinhadas à lógica econômica. Critérios clínicos, então, tornam-se sensíveis à produtividade e utilidade social do paciente, como observam os autores: “Nesses números, a OMS [Organização Mundial de Saúde] compreende não somente as mortes prematuras, mas também inferências sobre aquilo que o indivíduo deixa de produzir por ser acometido pelo transtorno” (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2023, p. 128).

O impacto desse reposicionamento é profundo, e não se limita apenas à adaptação dos critérios clínicos. Ele se estende às condições estruturais que moldam o sofrimento: solidão, dissolução dos limites entre vida doméstica e trabalho, competitividade exacerbada, precarização das condições básicas de bem-estar, emprego, moradia e saúde, todos elementos diretamente influenciados pela atuação político-econômica neoliberal.

A racionalidade neoliberal, ao priorizar marcadores biológicos e reduzir a atenção aos aspectos sociais e subjetivos, conduz a psiquiatria contemporânea a submeter sua

atuação quase que exclusivamente ao uso de fármacos, consolidando a indústria farmacêutica. A “farmacologização” do sofrimento tornou-se tão intensa que critérios clínicos passaram a ser definidos pela ação química dos medicamentos, e a hipótese de manutenção do estado patológico tornou-se indissociável da lógica biológica promovida pelo fármaco. Nesse sentido, a disciplina produz perfis de adoecimento compatíveis com os medicamentos, reforçando epistemológica e pragmaticamente a lógica de mercado:

Nessa abordagem, fica claro que a psiquiatria assume também a função de produção de patologias a serviço do consumo de psicofármacos. Já há alguns anos, a bibliografia sobre o assunto acumula evidências dessa relação e da maneira como os campos da pesquisa e da prática psiquiátrica se retroalimentam, permeadas por essas pressões econômicas (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2023, p. 130).

Portanto, a atuação neoliberal na psiquiatria não representa apenas uma incorporação econômica pontual: ela configura uma estratégia de homogeneização social, na qual a disciplina regula comportamentos, gerencia variações psíquicas e participa da construção da subjetividade conforme os imperativos de produtividade. Como sintetizam os autores: “Controlar a gramática do sofrimento é um dos eixos fundamentais do poder” (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2023, p. 13).

4.4 *Enhancement* e a reconfiguração da psiquiatria sob a racionalidade neoliberal

Com a emergência da racionalidade neoliberal, a psiquiatria contemporânea passou a incorporar a diretiva do *enhancement*, ou aprimoramento das capacidades humanas por meios médicos, visando otimizar produtividade e performance. Tal mudança evidencia um deslocamento paradigmático na função da disciplina, que se afasta do cuidado terapêutico estrito para assumir um papel de intervenção estratégica sobre a subjetividade:

Nesse breve período de cerca de 50 anos, iniciado a partir dos anos 1970, é possível descrever uma verdadeira revolução nos métodos de pesquisa, nos fundamentos epistemológicos e sobretudo nos objetos que definem essa disciplina médica. A mais importante delas, contudo, é aquela que define a passagem da psiquiatria de função terapêutica, ainda inserida no interior da clínica médica, a uma função de aprimoramento (*enhancement*), decididamente tributária da lógica econômica. (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2023, p. 127).

A adoção do *enhancement* transforma protocolos, orientações e objetivos da psiquiatria, alinhando-os a interesses sociais e econômicos. O esforço curativo cede

espaço à maximização de potencialidades humanas em prol de demandas estéticas, laborais ou esportivas, refletindo diretamente a lógica de performance neoliberal:

O *enhancement* seria a maximização de potencialidades das funções humanas para uma melhor satisfação de demandas sociais, sejam elas de cunho estético, laboral ou esportivo. Assim, o esforço curativo da medicina tende a ser superado por um novo paradigma: a performance. (Safatle; Silva Júnior; Dunker, 2023, p. 132).

Essa transformação não se limita à esfera médica, mas articula-se com os objetivos de subjetivação social, conformando a experiência individual à lógica econômica e produtiva do neoliberalismo, intensificando a internalização de imperativos de performance. A psiquiatria, assim, torna-se um instrumento estrutural de adequação da subjetividade, moldando a composição psíquica do sujeito aos interesses econômicos dominantes e reposicionando-se historicamente em seu papel de reguladora social, agora mediada pelos critérios de controle neoliberal.

4.5 Síntese crítica da gestão neoliberal do sofrimento psíquico

A reformulação dos preceitos psiquiátricos segundo a lógica neoliberal edifica um escopo de atuação social condizente com diretivas específicas de subjetivação, cuja finalidade, além de promover a homogeneização de padrões identitários e comportamentais, condiciona o sujeito a um modelo particular de autoexploração, nos moldes já analisados nas seções anteriores deste trabalho.

Alguns exemplos contundentes de como o neoliberalismo exerce influência profunda sobre os fundamentos da prática psiquiátrica são: a categorização clínica de viés valorativo, que imprime de maneira indelével um marcador social patologizante no sujeito a partir de critérios de adoecimento alinhados às normativas produtivas e comportamentais neoliberais; a biologização dos transtornos mentais, que inviabiliza a problematização crítica dos fatores socioeconômicos implicados no sofrimento psíquico; e o paradigma do *enhancement*, que desloca a atuação médica para uma lógica performática. Tais mecanismos operam conjuntamente na construção de uma ambiência psíquica e social compatível com interesses de otimização da produtividade, controle social e ampliação do lucro.

Entretanto, a consolidação das premissas ideológicas neoliberais na tessitura psíquica do sujeito não se limita à produção de formas específicas de adoecimento, como o *burnout*, a depressão e a ansiedade. Torna-se igualmente necessário o desenvolvimento

de dispositivos capazes de gerir, conduzir e regular esses adoecimentos. É nesse sentido que a psiquiatria passa a cumprir um papel estratégico de vigilância, controle e otimização dos efeitos psíquicos das políticas neoliberais.

Dessa forma, o neoliberalismo não apenas produz o sofrimento psíquico, mas também o administra, categoriza, classifica e condiciona, configurando-se como um mecanismo de controle subjetivo intenso e como gestor privilegiado da subjetividade social contemporânea.

Diante da constatação da hegemonia dos modelos e ferramentas neoliberais de promoção da autoexploração, da apropriação instrumental da prática psiquiátrica e dos efeitos deletérios dessas políticas, emergem movimentos de problematização crítica que buscam desconstruir as implicações sociais, éticas e psíquicas da ideologia neoliberal. A crítica clínica ao uso excessivo de psicofármacos, a problematização ética dos critérios performáticos de desempenho, a análise dos efeitos sociopolíticos adversos do neoliberalismo e a produção acadêmica voltada a esses fenômenos articulam-se à constatação empírica dos danos amplos e mensuráveis dessas políticas.

Nesse horizonte, tais ações configuram um movimento legítimo, necessário e urgente de enfrentamento do atual *status quo*. Ao possibilitarem uma compreensão analítica dos modos pelos quais o neoliberalismo constrói e difunde sua narrativa social, essas problematizações fornecem os meios para a formulação de ações concretas voltadas à superação de suas imposições deletérias, abrindo espaço para a construção de uma organização social mais coesa, autônoma e salutar. Mais do que denunciar, tais esforços contribuem para a desarticulação de um modelo historicamente fundado no controle, na exploração e na instrumentalização da subjetividade.

5 CONCLUSÃO

O percurso analítico desenvolvido ao longo deste trabalho evidenciou que o neoliberalismo, para além de constituir uma proposta de organização econômica, opera como uma racionalidade de subjetivação que incide diretamente sobre as esferas constitutivas da vida social. Sua influência nos âmbitos político, econômico e institucional estrutura uma cadeia articulada de controle, consolidando uma narrativa de homogeneização subjetiva que incute, na tessitura psíquica do indivíduo, premissas de autoexploração e autorresponsabilização compatíveis com seus imperativos produtivos.

A transição da lógica disciplinar da negatividade para o paradigma do desempenho demonstrou que a coerção não desapareceu na contemporaneidade, mas foi internalizada, convertendo-se em autoexploração. Nesse deslocamento, o sujeito deixa de ser predominantemente objeto de imposições externas e passa a assumir a si mesmo como projeto, tarefa e empreendimento, configurando formas específicas de sofrimento psíquico próprias da sociedade do desempenho.

Tais formas de adoecimento não se manifestam de maneira isolada, mas emergem em consonância com os padrões de subjetivação promovidos pela racionalidade neoliberal. Nesse contexto, a apropriação de setores destinados ao cuidado da saúde mental revela-se estratégica: ao influenciar critérios de categorização e protocolos de intervenção clínica, o neoliberalismo não apenas participa da produção das condições de sofrimento, mas também organiza os dispositivos responsáveis por sua gestão e normalização.

Dessa forma, evidencia-se que a racionalidade neoliberal articula um circuito no qual subjetivação, adoecimento e administração do sofrimento se inter-relacionam de maneira estrutural. O sofrimento psíquico contemporâneo, longe de poder ser compreendido como fenômeno estritamente individual ou biológico, encontra-se inscrito em uma moldura histórica e política que condiciona tanto suas formas de manifestação quanto seus modos de tratamento.

Tornar visíveis os mecanismos de subjetivação que operam sob o signo da liberdade constitui, portanto, um gesto crítico fundamental. Ao desnaturalizar a autoexploração e a gestão normativa do sofrimento, abre-se a possibilidade de reconfiguração dos espaços de reflexão e resistência, permitindo que a experiência de si não esteja integralmente capturada pela lógica da performance e da produtividade.

Ao evidenciar a articulação entre racionalidade econômica, constituição subjetiva e gestão psiquiátrica, este trabalho buscou contribuir para a compreensão de um dos traços centrais da contemporaneidade: a sofisticação dos mecanismos de controle que operam não mais pela repressão direta, mas pela adesão subjetiva. Reconhecer essa dinâmica é condição indispensável para a construção de formas de existência mais conscientes e críticas, bem como requisito necessário para a edificação de uma estrutura social mais digna.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão; revisão da tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2022.

FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 16).

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017. Tradução de Enio Paulo Giachini.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1. ed., 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.